

Qs Compositores

16.11.97

O primeiro romantismo foi o romantismo da paixão, da intensidade dra mática, e do fantástico e do subliminar: como típico exemplo disso poderíamos mencionar Byron, Heine,



Samartine, Foscolo
e outros, assim
como os roman
ces históricos de
Walter Scott, das
rimas de Brönte.

A eles se aproxi
mam Schumann,
Chopin, Berlioz,
Wagner e Verdi.
(Menciono só al
guns nomes

a mero título de
exemplificação).

Em meados
do século XIX o
panorama muda
sensivelmente:
decepção de muitos
ideais que caíram
por terra, necessidade
de de auto-reflexão,
de equilíbrio e
observação rigorosa
da realidade.

O fato literário
mais importante
dessa mudança
é representado
pelo realismo
de Balzac e de
Flaubert.

A Comédia Humana
de Balzac
é justamente a
análise da vida
sem sonhos e
ideais mas com

profunda psicologia

Também no Brasil
passamos de
Luís de Azevedo
para Machado de
Assis.

A música não
deixa de acompa-
nhar essas mudan-
ças, procurando
novamente aque-
la autonomia
que as influências

literárias haviam
parcialmente obli-
terado, retornan-
do a clareza das
estruturas for-
mais com con-
teúdos de reflexão
e nostalgia:
nostalgia não
dos paraísos
perdidos mas
das memórias.

vinte anos, separam
a geração romântica
da geração
deste segundo
romantismo
cujo maior ex
poente é Johannes
Brahms.

De fato ele nasce
em 1833 em Ham-
burg e morre em
1897 em Viena.

O seu aparecer no mundo da música é marcado pelo famoso artigo de Schumann em sua gazeta musical de 1853.

Nessa altura Brahms tem 20 anos e Schumann o aponta como o novo, gênio da música.

Brahms foi visitar Schumann e tocou para ele algumas de suas obras; e diz Clara que o marido a chamou gritando: vem cá ouvir que apareceu um gênio.

Quem era Brahms? Um alemão do norte emigrado em Viena carregado de toda

uma herança da
severidade 'organísta
ca da sua terra
de origem e fasci-
nado pela
gemütlichkeit (da
capital austríaca,
isto é, daquelle
conjunto de leve-
za, gentileza,
gosto da diversão
elegante, que é e
continua sendo
Viena).

Essa dualidade
marca profundamente
toda a obra
de Brahms.

Brahms é um
solitário, solteiro
por vocação,apai
xonado pela natu
reza, a uma músi
ca popular e a
boa cerveja.

Dizem as más lín
guas que gostava

de passar no
Prater olhando as
pernas das lavadei-
ras que, naquele
tempo não mostra-
vam mais do que
o tornozelo; mas
ao lado disto
havia a paixão
pelos grandes
clássicos da músi-
ca e o estudo pro-
fundo de suas obras.

O agudo sentimento,
a autonomia da mú
sica fez com que
Brahms fosse um
dos poucos compo-
sitores que nunca
tentaram os cami-
nhos da ópera;
aliás, toda a sua
poética não deixa
de ser uma polêmi-
ca oposição aos
perigos que a me-
lódia infinita

e a liberdade formal
de Wagner poderiam
apresentar para o
futuro da música
(o que não impede
que fatalmente ele
e toda a sua gera-
ção não consigam
sem se subtrair
totalmente ao fas-
cínio de Wagner,
principalmente,
no que atinge
a riqueza

matismo.

Brahms foi também pianista e para o seu instrumento deixou muitas obras, algumas de grande porte, como a Sonata em Dó com reminiscências beethovenianas. e outras de pequeno porte, e são estas

as mais intensas
tes, as mais imedia-
tamente sugeridas
por uma intuição
sonora ou por
uma íntima reflexão.
Entre elas os
intermezzi, quase
rápidas notações
psicológicas ma-
nifestando aquela
duplicidade da
qual já falamos,
que faz com que

Os seus sorrisos pare
cem lágrimas e as
lágrimas sorrisos.

Vamos ouvir uma
série de cinco
intermezzi na in
terpretação do
pianista Van
Cliburn.

Música

Intermezzi

Disco n.º 1. faixas 5 a 9

Duração: 19:33"

faí no início da
sua atividade cria
tiva Brahms procu
rou os caminhos
da orquestra com
algumas obras
entre as quais
o primeiro concerto
para piano.

Mas com um marav
bilhoso e lúcido
senso de autooríti
ca julgou não

estar ainda pronto
para a composição
orquestral, precisando
portanto de
um longo tirocínio
instrumental
na música de
câmara.

E foi uma decisão
extremamente pro-
dutiva, porque o
maior Brahms
reside justamente
na música de cam

ra, trios com e sem ^{XX}
piano, sonatas para
violino e conjuntos
maiores.

Com o espírito de
Brahms deviam con
soar os instrumen
tos mais ou menos
ambíguos e mais
ricos de harmôni
cos, principalmente
a trompa e o clari
nete.

Eu os defini ins

violino e conjuntos maiores.

Com o espírito de Brahms deviam consoar os instrumentos mais ou menos ambíguos e mais ricos de harmônicos, principalmente a trompa e o clarinete.

Eu os defini instrumentos ambíguos,

porque a trompa
participa da qua-
lidade sonora de
duas famílias, a
dos metais e a
das madeiras; e
a clarineta possui
dois registros
diferentes, o brilhan-
te de clarim e o
patético de Chalu-
mean, no qual
pode alcançar o
dia níssimo mais

ou que qualquer
outro instrumento.

Vamos ouvir o
trio para Trompa,
Violino e Piano em
Mi Bemol Maior, op.
40.

Podríamos dizer
que o verdadeiro
espírito sonoro da
trompa, vislumbra
do por Weber e Liszt
foi plenamente
realizado só com

Quanto que o clare
mitiria ao impres
sionismo

Música

Trio p/ Trompa, Violino
e Piano Op. 40

LP. lado 1 - faixas 1 a 4

Todo o disco

Duração: 28' : 14"

Quanto ao clarinet
te já sabemos que
foi inventado na
segunda metade
do século XVIII e
que seu primeiro

emprego no teatro se
deve a Gluck enquan
to que o seu primei
ro emprego sinfôni
co se deve a Haydn.

Mozart, quase mi
lagrosamente en
fendeu logo o espí
rito sonoro desse
instrumento, para
o qual, inclusive,
escreveu um ma
ravilhoso concerto.
Não se pode dizer

mas Weber recuperou
a intuição mozartea
na, fazendo da clarinetista aquela espécie
de contralto
patético que até
hoje enriquece as
nossas orquestras

E Brahms deveria
encontrar na clarinetista a justa cor
das reflexões e das
memórias. (Episódio

Ornella).

Vamos ouvir o trio
para Clarinete, Violon
celo e Piano em Lá
menor Op. 114.

Música

Trio p/ Clarinete, Violon
celo e Piano Op. 114
LP. lado 2 (completo).
Duração: 25':26"

Bem mais tarde,
e agora com profun
da competência,
Brahms se reaprox

ousou enfrentar o
gênero da sinfonia,
depois de uma
primeira experiência
representada pelas
variações sobre um
tema de Haydn.

Sempre com o
intuito de recon
quistar a auto no
mia da música,
Brahms volta então
às grandes formas
e necessariamente

olha para Beethoven.

Mas na verdade
ele é muito mais
da família de Mozart.
de Beethoven lhe falta
a potência que
não admite divi-
das as quais pelo
contrário estão sem-
pre presentes na
personalidade
brahnciana.

De Mozart possui
a criatividade

da família de Mozart:
de Beethoven lhe falta
a potência que
não admite divi
das as quais pelo
contrário estão sem
pre presentes na
personalidade
brahnciana.

De Mozart possui
a criatividade de
melódica, a capacide

linhas de canto fre-
quentemente fragmen-
tadas.

seus temas as ve-
zes são blocos de
melodias superpos-
tas e seus desenvol-
vimentos bem am-
plos.

Com certeza pode-
se dizer que há
nele a quila di-
vina prolixidade
germânica que

Mas é também verdade
de que tudo é tão
perfeitamente pensa
do e realizado, que
não seria possível
em suas partituras,
acrescentar ou
tirar uma nota
sequer.

A música de
Brahms é como
uma prosa lírica
e memorialista e
não foi por acaso

um parentesco entre
Brahms e Marcel
Proust.

Vamos ouvir o
3º e 4º movimentos
da primeira sinfo-
nia opus 68 (como
vêem a primeira
sinfonia leva já
um número de
opus bem avançado
da plena maturi-
dade do autor).

O terceiro movimen-
to é um allegretto
terno e ligeiramente
ambíguo em sua
oscilação entre a
suave 'tristeza da
frase principal
e o efêmero entu-
siasmo do trio.

O último movimen-
to se baseia num
tema de clara e
proposita deriva-
ção do tema do

uma na forma simfo-
nia de Beethoven.

É esse tema sai de repente em sua luminosidade, depois de uma longa preparação, como num percurso de um longo túnel que de repente desemboca na luz.

Musica

3º e 4º mov. da 1ª Sinfonia

Op. 68

Orquestra Filarmonica de
Vilna.

Regente: Wolfgang
Sawallisch.

Disco 1 - faixas 3 e 4

Duração: 21': 22"

Nessa e nas próxi
mas sessões, preten
do dedicar a últi
ma parte a uma
rápida amostra
do que se fez e
se faz musicalmen
te em Minas Gerais

quer na composição,
quer na execução.

Comeco hoje com
a memória de
um passado recen-
te, isto é, com a
gravação, aos cuida-
dos da boteria
Mineira de uma
série de pequenas
peças para violi-
no solo de Flau-
sino Vale.

Flausino Vale foi

de história da mú
sica no Conservato
rio Mineiro em
Belo Horizonte.

Nasceu em Bar
barena em 1894
e faleceu em Belo
Horizonte em 1954.

Uma de suas peças
"Do Pé da Fogueira"
chegou às mãos
do grande violinis-
ta Jascha Heifetz,

que a incluiu no
repertório dos seus
concertos.

Nessa gravação as
peças são executadas
pelo violinista
Jerzy Milewski, polo-
nês residente no
Rio de Janeiro.

Os títulos das
curtas peças são
bem brasileiros,
tais como:

Acalanto, Tico-Tico,
Viva São João,
Batuque, etc.

Música

Ad libitum
Glausino Vale

Piano: Jerzy Milewsky
Início do disco até
o momento que
puder.